

NÍVEIS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA TURMA DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Stephanie Ellen Almeida Moraes Batista¹Jayne Araújo Costa²Sandra Alves de Oliveira³Jany Rodrigues Prado⁴

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou identificar e analisar os níveis de aprendizagem dos alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim, localizada no município de Guanambi, estado da Bahia, no período de realização da observação diagnóstica e coparticipativa, entre os dias 17 a 28 de setembro de 2018, e da intervenção pedagógica, entre os dias 24 de setembro a 19 de outubro de 2018. A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa e partiu da análise do diário de campo, da observação realizada no estágio e do questionário, com a participação dos alunos do 2º ano e das professoras. No campo teórico dialogamos com autores que discutem sobre os níveis de aprendizagem e as hipóteses de escrita. Para tanto, partimos dos seguintes questionamentos: Quais são os níveis de aprendizagem dos alunos do 2º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Guanambi-BA? Quais os apontamentos dos principais impactos da heterogeneidade em uma sala do 2º ano do ensino fundamental? Os resultados da pesquisa apontam os diferentes níveis de aprendizagem presentes em uma sala de aula, os contratempos enfrentados pelos docentes na mediação dos conhecimentos e os mecanismos utilizados para minimizar os impactos.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Ensino fundamental. Heterogeneidade. Níveis.

Introdução

Este trabalho reflete sobre os níveis de aprendizagem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental, do turno vespertino, da Escola Municipal Vereador João Farias Cotrim, localizada no município de Guanambi, estado da Bahia. Busca-se identificar e analisar os níveis de aprendizagem desses alunos, a partir dos

¹Estudante do curso de Pedagogia - *Campus XII/UNEB*. Residente Bolsista do Programa de Residência Pedagógica/CAPES/UNEB. E-mail: stephanie.senac@gmail.com

²Estudante do curso de Pedagogia - *Campus XII/UNEB*. Residente Bolsista do Programa de Residência Pedagógica/CAPES/UNEB. E-mail: jaynegbi@hotmail.com

³Doutoranda do PPGE/UFJF. Mestre em Educação pelo PPGE/UFSCAR. Professora do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE)/UNEB e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GREPEM)/UFJF. Docente Orientadora Voluntária do Programa de Residência Pedagógica/CAPES/UNEB. Professora da Educação Básica (Candiba-BA). E-mail: saoliveira@uneb.br

⁴ Mestre em Educação pelo PPGED/UESB. Professora do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática, Formação e Trabalho Docente (DIFORT/CNPq). Coordenadora da Educação Básica (Guanambi-BA). E-mail: janyrprado@yahoo.com.br



momentos experienciados no estágio supervisionado do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi - *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no período de setembro a novembro de 2018.

A observação diagnóstica e coparticipativa foi realizada no período de 17 a 28 de setembro de 2018 e a intervenção pedagógica, entre os dias 22 de outubro a 5 de novembro de 2018. O objetivo desse processo foi proporcionar as vivências de experiências nos anos iniciais do ensino fundamental, contribuindo com a nossa formação e prática docente. Esses momentos foram registrados no diário de campo produzido no percurso do estágio.

No período da observação diagnóstica e coparticipativa, notamos que na sala de aula havia diferentes níveis de aprendizagem: alunos alfabetizados, que compreendiam, escreviam e liam; os copistas, que não tinham a noção do que estavam escrevendo; alguns alunos no processo silábico. Diante disso, percebemos que os docentes procuravam atender os 26 alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental.

Essa situação nos provocou inquietação, surgindo assim os questionamentos: Quais são os níveis de aprendizagem dos alunos do 2º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Guanambi-BA? Quais os apontamentos dos principais impactos da heterogeneidade em uma sala do 2º ano do ensino fundamental?

A pesquisa realizada conta com o aporte metodológico de cunho qualitativo, buscando compreender além dos procedimentos e ferramentas utilizados, a essência do estudo e o seu desenvolvimento. Segundo Minayo (2007), a metodologia é o caminho do pensamento que a problemática requer durante a pesquisa, são as técnicas e a marca do pesquisa, suas observações e achados acerca das indagações.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos o questionário, a observação e o diário de campo, buscando compreender melhor a realidade da sala de aula. Neste resumo expandido, apresentamos e discutimos os resultados desta pesquisa que buscou identificar e analisar os níveis de aprendizagem dos alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental, no período do estágio supervisionado.

Reflexões sobre os níveis de aprendizagem dos alunos do 2º ano do ensino fundamental

A aprendizagem caracteriza-se por habilidades adquiridas pelo sujeito no decorrer de sua existência. Todos nós estamos propícios a ela, e cada um aprende no seu próprio tempo. Por sermos plurais, o processo de aprendizagem sofre influências variadas, respeitando assim as subjetividades. Para Gagné (1971, p. 1), “os fatores que atuam na aprendizagem são determinados principalmente por acontecimentos que pertencem ao meio ambiente do

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



indivíduo”. O autor evidencia que as vivências refletem no processo de aprendizagem, assim como as experiências oscilam, esse percurso pode ser também controlado e alterado.

Para Barros (1998), a aprendizagem organiza-se de forma específica, com conhecimentos e habilidades determinadas. Nesse sentido, de forma intencional e com planejamentos sistemáticos, as instituições têm a finalidade de ensinar. As manifestações são os resultados das aprendizagens, que sofrem influências externas e internas do sujeito, com perspectiva social.

Cientes de que a aprendizagem possui diversas vertentes, nos atentamos para o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização. A fim de compreender os níveis que a criança vivencia nesse percurso, recorremos a Ferreiro e Teberosky (1985). Para elas, a hipótese inicial é que ao escrever a criança retrata a realidade de forma concreta, transcrevendo ali as variáveis e representatividades. Caracteriza-se na passagem da criança pelas hipóteses, percebendo o mundo convencional da escrita, nessa fase ela nota a escrita como símbolos, ainda não se tem a noção de qual símbolo utilizar para uma determinada representação. A criança escreverá o que for solicitado, recorrendo as letras que conhece (por exemplo, as do seu nome). Essa hipótese denomina-se como Pré-Silábica, não há preocupação com quantidade de letras, nem distingue letras de símbolos, com o tempo escreve com o mínimo de grafia. Alguns autores discordam e defendem que a relação da oralidade/escrita ocorre antes dessa fase.

De acordo com Moreira (2009, p. 361), “a primeira hipótese da criança é que a escrita representa o mundo de uma forma direta, não arbitrária, ou seja, os elementos que formam o sistema devem ser semelhantes àquilo que representam”. Nessa fase, os alunos concebem “a escrita como uma soma de desenhos representativos dos objetos” correspondentes ao desenho.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985), após a fase anterior, de encontro com a escrita e incentivada pela escola, as crianças começam associar o sistema de escrita com os sons, baseando-se na fonografia. Como menor unidade sonora temos a sílaba, após o contato com as letras, esse é o próximo passo, a junção delas. Tal fase, caracteriza-se como Silábica, nota-se uma evolução na representação do som e da escrita. Aos poucos a criança percebe que as letras geram sons, ainda com raízes silábicas, ela pode usar a sílaba ou o fonema, conforme aponta a hipótese Silábico-Alfabética. E por último a Alfabética, aqui a criança já consegue adequadamente compreender os fonemas e a escrita convencional, dominando o valor das letras e sílabas.

Ferreiro e Teberosky (1985) acreditam na perspectiva de que o método de ensino não seja o único responsável pelo fracasso ou sucesso do aluno, mas sim a desconsideração da



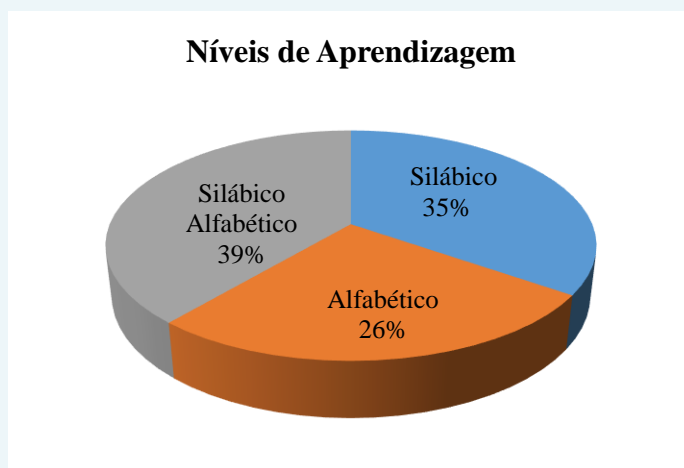
criança como sujeito de aprendizagem, retirando um pouco o olhar de como se ensina, para como se aprende.

Durante o período de observação, percebemos que os alunos não acompanhavam o conteúdo na mesma intensidade. Sendo assim, os professores encontravam-se cautelosos no que diz respeito ao mediar o conhecimento. Quando passavam atividades, parte da sala terminava rapidamente, outros não conseguiam realizar a atividade, e alguns com dificuldades tentavam fazer. Não havia uma disciplina que as dificuldades predominassem, desse modo, compreendemos que a nossa intervenção deveria considerar os diferentes níveis de aprendizagem existentes na sala de aula da turma do 2º ano.

Buscamos então, conversar com as professoras do 2º ano, que nos alegou que a grande dificuldade é atender a todos, procuram não prejudicar e minimizar os que já estão avançados, não esquecem de estimular os que estão no nível pré-silábico, no intuito de que avancem na apropriação da leitura e da escrita. Diante dos diferentes níveis de aprendizagem, a professora procura trabalhar gêneros textuais e sequências didáticas que tenham atividades mais simples com outras mais avançadas, como leitura, interpretação oral e escrita, produção escrita, cruzadinhas, caça-palavras, textos lacunados, recorte e colagem de palavras.

Juntamente com a professora de matemática construímos uma tabela contendo o nome, mês e dia do aniversário, a idade de cada aluno do 2º ano. Com a participação da professora de Língua Portuguesa que fica mais dias nessa turma, analisamos o nível de cada criança e identificamos os seguintes níveis de construção da escrita: Silábico - nove alunos; Silábico-Alfabético – sete alunos; Alfabético – dez alunos. Apresentamos no Gráfico 1, os dados colhidos na pesquisa, por meio da observação e da realização do questionário, representando os níveis de aprendizagem encontrados.

Gráfico 1 - Níveis de aprendizagem dos alunos do 2º ano



Fonte: Elaborado pela autoras com dados da pesquisa



A maioria dos alunos se encontra no nível silábico-alfabético - 39%, porém o nível silábico nos chama atenção, visto que a diferença é mínima - 5%. Esses dados foram considerados no momento do planejamento das atividades da intervenção pedagógica. Buscamos elaborar os planos de aula apresentando interpretação de textos, textos lacunados, separação de sílabas, contação de histórias, dígrafos, conhecimento de novas palavras, visando uma aula participativa e reflexiva.

Os principais impactos da heterogeneidade no 2º ano do ensino fundamental

Uma realidade que traz muitos desafios para os professores sempre foi a heterogeneidade em sala de aula, ou seja, as diferenças que os sujeitos trazem consigo, seja seu nível de aprendizagem, seu desenvolvimento motor, psicológico ou sentimental. Se por um lado isso é bom, e o fato de toda a diversidade ser oportunidade de crescimento e aprendizagem na ação pedagógica, também é necessário que se pense medidas que possam atender a todos frente às diferenças, para não permitir que o conhecimento seja inalcançável por alguns. Turmas heterogêneas apresentam realmente um desafio, mostram os diferentes níveis, que cada um aprende a seu modo, seja ele rápido, lento, com metodologias diferentes, enquanto outros não seguem o mesmo ritmo.

É de suma importância conhecer cada aluno para saber em qual nível se encontra e assim ajudá-lo em sua aprendizagem, compreendendo de que forma isso pode acontecer. Para que todos sejam contemplados em uma turma heterogênea, é preciso que o professor saiba lidar com essas diferenças, priorizando as características da turma. Várias atividades podem ser realizadas em uma sala com grande diversidade, por isso durante nossa intervenção investimos em envolver a todos da mesma forma, fazendo com que as atividades fossem realizadas o mais coletivamente possível. As dinâmicas em grupo proporcionam a interação e a participação de todos, estimulando a curiosidade e o aprendizado.

Uma das atividades que nos chamou a atenção quanto à situação dos níveis, foi o Jogo Adedanha em uma aula de matemática. Alguns alunos demonstraram dificuldades na compreensão e realização da atividade que consistia em escrever nomes de pessoas, de objetos, de cidades, etc. com as letras sorteadas. Outra atividade que também tiveram dificuldades, foi o Jogo do Bingo, pois não elaboramos as fichas impressas com o objetivo de produzirmos as cartelas juntos, o que não deu muito certo, nem todos conseguiram elaborar a cartela com a quantidade correta de quadradinhos. Pedimos que eles escolhessem os números de 0 a 100 de forma aleatória e preenchesse a cartela. Eles se confundiram muito, esperavam



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



o sorteio do número para escrever na cartela. Como não usavam canetas e não eram impressas as cartelas, paramos a atividade, tentamos quatro vezes, mas sem sucesso.

Considerações finais

Neste trabalho destacamos a existência dos diferentes níveis de aprendizagem na sala de aula do 2º ano, apresentando aspectos relevantes nesse processo. Consideramos a temática importante para compreender a composição da turma. O interesse por essa temática surgiu por intermédio da observação no estágio supervisionado e assim buscamos contribuir de alguma forma com nossa intervenção.

Sabe-se que até a criança compreender o sistema alfabético, a leitura e a escrita, ela passa por várias etapas, e cada uma possui seu próprio ritmo de aprendizagem. Cada passo que se dá e se conclui é um processo construtivo para a criança que retém aquilo que aprende e utiliza esses dados na sua vivência pessoal.

Os níveis de aprendizagem interferem diretamente nos resultados das aprendizagens em uma sala de aula, dessa forma, é imprescindível que os professores compreendam essa singularidade de modo que contemplem a todos igualmente. O estágio no ensino fundamental nos possibilitou uma visão mais clara do nosso futuro campo de atuação, possibilitando assim o entendimento do que precisamos melhorar em nossa prática que se constrói a cada dia juntamente com os alunos.

Referências

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos da psicologia escolar**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GAGNÉ, Robert Mills. **Como se realiza a aprendizagem**. Tradução de Therezinha Maria Ramos Tovar. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1971.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOREIRA, Cláudia Martins. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 359-385, maio/ago. 2009.